Dia 18 — São Eduardo, Rei da Inglaterra

Não há reino em toda a cristandade que tenha visto tantos santos sobre o trono como o da Inglaterra. O jovem São Eduardo, de quem hoje faz comemoração o martirológio romano, contava já muitos em sua ilustre família, da qual ele mesmo foi um dos mais belos ornamentos.

Este santo rei, neto de Santa Elgiva, irmão de Santa Edite e tio paterno de São Eduardo, confessor, viu a primeira luz pelo ano 962. Seu pai, o rei Edgar, apelidado o Pacífico, embora com maior propriedade se lhe pudesse chamar o Conquistador, quis que se desse ao príncipe uma educação em tudo correspondente tanto a sua religião como a seu real nascimento. Foi batizado por São Dunstan, arcebispo de Cantuária, que, não contente com havê-lo alcançado do céu e com aquela abundância de bênçãos com que o preveniu a divina graça desde o mesmo berço, quis encarregar-se de sua cristã educação.

A nobilíssima índole do príncipe e a feliz inclinação que descobriu para a virtude desde seus primeiros anos ganharam-lhe desde logo o coração de todos os ingleses. Um ar majestoso, um espírito vivo, brilhante, superior, uns modos aprazíveis e sempre nobres, um coração generoso e verdadeiramente real, com uma sólida virtude muito acima da expectação de sua idade, fizeram-no objeto de veneração a toda a corte e de admiração a toda a Europa.

Admirava-se principalmente num príncipe tão jovem tanto amor à religião e tanta prudência numa idade que só se governa pelos ímpetos do natural, sobretudo em meio de uma florescente corte onde reinavam a diversão e o prazer. Mas Eduardo não somente conservou nela a inocência, mas praticou as virtudes mais penitentes, sabendo achar o recolhimento e a solidão interior entre os exercícios de maior tumulto e a mais lisonjeira dissipação.

Teve a dor de perder a rainha sua mãe, sendo de cinco ou seis anos. Chamava-se Egelfleda, era filha do duque Ordmer, um dos mais poderosos príncipes da Inglaterra, e foi uma das mais virtuosas princesas de seu tempo; sendo ilustres monumentos de sua esclarecida piedade os mosteiros que fundou e as esmolas que fez aos pobres. Teve grande cuidado de inspirar muito antecipadamente a seu filho aqueles grandes sentimentos de religião que desde logo se lhe embeberam na alma; e logrou o consolo de ver os mais doces frutos desta piedosa semente no terno príncipe Eduardo quando o Senhor a retirou deste mundo.

Sentiu vivamente Eduardo a perda de tão boa mãe, chorando-a com tanta amargura que só se pôde conseguir que reprimisse suas lágrimas fazendo-lhe compreender que nisto parecia opor-se às disposições da divina Providência. Passou o rei seu pai a celebrar terceiras núpcias com Alfrida; e o príncipe Eduardo se portou tão cordata e respeitosamente com a rainha sua madrasta que não

pôde deixar de estimá-lo, embora jamais se resolveu a querê-lo, por não poder tolerar sua ambição que se o considerasse como herdeiro presuntivo da coroa. Tendo tido o rei desta terceira mulher um filho chamado Etelredo, e admirando cada dia mais a pureza de vida, a solidez de juízo e a extraordinária prudência de Eduardo, para prevenir as turbulências que poderiam sobrevir a seu falecimento, resolveu declará-lo sucessor seu e fê-lo reconhecer como tal por todos os grandes do reino.

Morreu o rei no ano de 975 e ascendeu ao trono nosso santo. Desde logo o reconheceram por seu legítimo soberano os principais senhores do reino, e inundou-se de alegria a nação inglesa, considerando que tinha por monarca um santo.

Quisera Alfrida ver no trono seu filho Etelredo e, com este ambicioso desejo, induziu alguns senhores a que protestassem e se opusessem à consagração de Eduardo; mas São Dunstan, primaz do reino, a quem tocava esta cerimônia, auxiliado de São Oswaldo, arcebispo de York, soube contê-los e pô-los em razão. Tomou em sua mão a cruz arquiepiscopal que se costumava levar diante dele; meteu-se intrepidamente em meio dos senhores partidários da rainha mãe; apresentou-lhes Eduardo como primogênito de seu legítimo rei; trouxe-lhes à memória a declaração do monarca defunto; lembrou-lhes o solene reconhecimento que eles mesmos haviam feito do direito indisputável daquele jovem príncipe; e à vista de toda a assembleia consagrou-o solenemente, saindo ele mesmo por fiador do acerto de sua conduta; com cuja vigorosa ação sossegou os ânimos e uniu ditosamente os espíritos.

Não tinha Eduardo à sazão mais que doze anos; mas suprindo com vantagens a falta de idade a reputação de sua elevada virtude. Não se viu jamais num príncipe jovem nem devoção mais exemplar, nem modéstia mais majestosa, nem madureza de prudência mais constante; servindo o trono para acrescentar mais brilhante esplendor a sua heroica santidade. Contribuíram muito os desvelos de São Dunstan para formar aquele entendimento naturalmente reto e culto e para aperfeiçoar aquele puríssimo coração que só a Deus havia dado lugar desde que pôde conhecê-lo.

Mal se sentou no trono, aplicou-se inteiramente a fazer que reinassem em toda a sua monarquia a justiça, as leis e a religião. Amável aos bons e terrível aos maus, corrigiu valorosamente os abusos que se haviam introduzido em todos os estados e haviam passado a costume por uma covarde tolerância. Foi ardente defensor dos privilégios e das imunidades da Igreja; e o clero anglicano encontrou no monarca jovem um verdadeiro pai.

O respeito que professava a todas as pessoas consagradas a Deus chegava até a veneração. Sua caridade, sua ternura com os pobres era extrema. Costumava dizer que a maior glória de um príncipe era fazer felizes a todos os seus vassalos. Todos os dias dava de comer em seu palácio a grande número de pobres; e, considerando neles a Jesus Cristo, servia-os por si mesmo e respeitava-os.

Nunca havia encontrado gosto nas diversões, e assim não o achava em outra coisa que em dedicar-se a desempenhar as obrigações de cristão e de rei. Empregava na leitura de livros espirituais todo o tempo que não estava destinado aos negócios. Não contente com observar escrupulosamente os jejuns da Igreja, mortificava seu delicado e inocente corpo com penitências tão cruéis que poderiam pôr terror aos mais pecadores e mais robustos; sendo sua devoção tão

exemplar que em todo o seu reino nunca se o nomeava senão com o venerável distintivo de nosso santo rei.

Havia dois anos e meio que ocupava Eduardo o trono da Inglaterra e florescia em seus estados a paz e a abundância; seus vassalos rendiam mil bênçãos ao céu por lhes haver concedido um monarca tão prudente e tão santo; e, gostando a doçura de seu governo, prometiam-se uma longa série de prosperidades quando a ambição de uma mulher logrou infelizmente cortá-las em seus mesmos princípios.

Cada dia se lhe fazia mais insuportável a Alfrida, madrasta de Eduardo, que este ocupasse o trono real em que desejava com ânsia ver colocado seu filho Etelredo. À vista da geral estima que faziam todos de seu santo rei e do terno amor que lhe professavam tanto os grandes do reino como todo o povo, conhecia bem que nada tinha que esperar pelo caminho da rebelião. E, resoluta a todo transe a ambiciosíssima princesa a desembaraçar-se dele, determinou fazê-lo pelo mais enorme de todos os delitos, aproveitando para isso a primeira ocasião, que por desgraça se lhe apresentou logo.

Saía um dia à caça Eduardo e, descobrindo de longe o castelo de Corfe, no condado de Dorset, onde à sazão se achava aquela princesa, apartou-se dissimuladamente dos que o acompanhavam e, metendo esporas ao cavalo, correu direito a saudar sua madrasta e dar um abraço a seu irmão Etelredo, a quem amava ternamente. Informada Alfrida de que o rei vinha só, saiu a recebê-lo e, ao mesmo tempo que lhe estava falando, um de seus guardas ou de seus cortesãos lhe cravou um punhal no peito. Logo que o santo rei se sentiu ferido, picou o cavalo; mas a poucos passos caiu em terra e, levantando os olhos ao céu, expirou. Quando Alfrida viu morto o rei, para ocultar se pudesse seu delito, fez meter o cadáver numa casa de campo que estava ali perto; mas mal entrou nela o santo corpo, recobrou a vista repentinamente uma mulher cega desde seu nascimento. Não podia encobrir-se um milagre tão assinalado; pelo que, atemorizada Alfrida, inventando novos artifícios, mandou conduzir e arrojar o cadáver numa lagoa pantanosa, sem que num ano inteiro se pudesse dar com ele, até que se descobriu em favor de uma milagrosa luz. Concorreu desde logo uma prodigiosa multidão de povo a venerá-lo; e Alfer, príncipe dos mércios, devotíssimo do santo rei, convidou grande número de bispos, abades e senhores do reino para assistir à trasladação do santo corpo, rogando principalmente a Santa Wilfrida, abadessa de Winchester, em cujo mosteiro estava religiosa Santa Edite, irmã de nosso santo, que não deixasse de assistir à solene função com todas as suas filhas. Fez-se a trasladação com extraordinária pompa. O corpo do santo rei foi achado inteiro e fresco; e colocou-se no célebre mosteiro de Shaftesbury, fundado pelo rei Elfredo, bisavô do santo. Dois pobres homens impedidos de todos os seus membros acharam-se perfeita e repentinamente sãos, tendo tocado o féretro em que ia o santo cadáver, e a notícia trouxe a seu sepulcro imensa multidão de povo. Desde então não se o chamou por outro nome que pelo de o santo Mártir. Seu irmão e sucessor Etelredo esteve inconsolável por sua morte, sem acertar a deixar de chorá-la senão para venerá-lo como a santo; e mandou edificar em honra sua uma suntuosa igreja com um mosteiro de religiosas, que quis que se chamasse o mosteiro de Bredford. Todos os bispos do reino lhe deram o título de mártir, por haver padecido morte tão violenta e por havê-lo honrado Deus desde logo com tantas maravilhas. Elevaram da terra o santo corpo no ano de 1001 para expô-lo à pública veneração, fixando sua festa no dia 18 de março, que foi o de sua ditosa morte. Assegura-se também que Alfrida reconheceu seu crime e que o chorou amargamente

todos os dias de sua vida, não poupando esmolas, orações e penitências para dar plena satisfação à divina Justiça.

Missa (oração)

A missa de hoje é da dominica precedente; e a oração do santo, que se acha no breviário antigo da igreja de Shaftesbury, é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, æterni triumphator imperii, familiam tuam propitius respice, martyrium regis Eduardi celebrantem; et præsta, ut sicut illum munere glorificare dignaris cœlesti, ita nos ejus obtentu æternæ felicitati facias dignanter adscribi. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, soberano e triunfante dono do império eterno, dignai-vos olhar com benignos olhos vosso devoto povo que celebra o martírio do santo rei Eduardo; e, assim como vos dignastes conceder a este a bem-aventurança celestial, dignai-vos também outorgar a nós que algum dia gozemos da felicidade eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da primeira que escreveu o apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 1,18-21

> **Latim:** 18 Verbum enim crucis pereuntibus quidem stultitia est : iis autem qui salvi fiunt, id est nobis, Dei virtus est. 19 Scriptum est enim : Perdam sapientiam sapientium, et prudentiam prudentium reprobabo. 20 Ubi sapiens ? ubi scriba ? ubi conquisitor hujus sæculi ? Nonne stultam fecit Deus sapientiam hujus mundi ? 21 Nam quia in Dei sapientia non cognovit mundus per sapientiam Deum : placuit Deo per stultitiam prædicationis salvos facere credentes.

Português: 18 Porque a palavra da cruz he na verdade huma estulticia para os que se perdem: mas para os que se salvão, que somos nós, he ella a virtude de Deos. 19 Porque escrito está: Destruirei a sabedoria dos sabios, e reprovarei a prudencia dos prudentes. 20 Onde está o sabio? onde o doutor da lei? onde o esquadrinhador d'este seculo? Por ventura não tem Deos convencido de estulticia a sabedoria d'este mundo? 21 Porque como na sabedoria de Deos não conheceo o

mundo a Deos pela sabedoria: quiz Deos fazer salvos aos que cressem nello, pela estulticia da pregação.

Nota

«Achando-se turbada a igreja de Corinto por certo espírito de desunião que se havia introduzido nela, uns se diziam discípulos de Paulo, outros de Apolo, outros de Cefas. Este Apolo era seu bispo e havia trabalhado muito nela, e com fruto. Chegando esta funesta divisão à notícia de São Paulo, que estava ainda em Éfeso, escreveu aos coríntios esta admirável carta no ano 56 de Jesus Cristo.»

Reflexões

Verbum crucis, pereuntibus stultitia est. É hoje bem recebido no mundo tudo o que se diz da cruz? Crê-se porventura que os frutos da cruz são preciosos e que sua amargura é salutar? Crê-se que a verdadeira felicidade é fruto da cruz, que a verdadeira glória se acha na cruz; e que tudo o que se chama cruz, como é perda de bens, falta de saúde, desgraça, humilhações, perseguições, adversidades, tudo é vantajoso e que tudo, segundo a prudência do céu, deve preferir-se à mais favorável, à mais risonha fortuna? Assim pensam, assim discorrem todos os que estão no caminho da salvação, todos os escolhidos de Deus, e até o mesmo Deus o julga assim: *His autem qui salvi fiunt, id est nobis, Dei virtus est.* E são sábios, são prudentes os que discorrem de outra maneira? E não se acham muitos que filosofam de outro modo? Esses entendimentos delicados, finos, políticos, insinuantes, que a tudo se acomodam; esses engenhos agudos, claros, desanuviados, cultos, que brilham no mundo; esses talentos de primeira ordem que levam a palma em tudo; esses prudentes do século, chamados assim por mau nome; discorrem acerca do mérito da cruz como discorreram os santos e como julga dele o próprio Jesus Cristo? Que loucura mais insigne, que extravagância mais digna de compaixão que ousar preferir à sabedoria do mesmo Deus as débeis, as meio apagadas luzes de nosso curto entendimento!

Ubi sapiens? Onde está o homem prudente? Onde o acharemos? Encontrá-lo-emos acaso nesses saraus, nessas funções do mundo, de onde ordinariamente está desterrada a religião, onde tudo se regula a gosto das paixões, onde as ilusões do entendimento e do coração são a alma das conversações chistosas e a única guia de uma razão descaminhada? Encontrá-lo-emos nas mesas de jogo, nas partidas de diversão, nas companhias de comércio, onde a avareza, a ambição e o interesse são toda a prudência que se gasta, sendo também o primeiro móvel e a única regra de quanto ali se diz e de quanto se faz?

Mas quem é esse homem prudente? Será aquele jovem dissoluto, aquele atordoado a quem divertem as rodinhas à custa da religião e do juízo, não tendo entendimento para envergonhar-se eles mesmos de suas insulsas, de suas néscias bufonarias? Será aquele outro prezado de espírito forte, cujos costumes, cuja irreligião são provas visíveis da imbecilidade de seu juízo e da pobreza

de seus alcances? Será aquela dama, aquela mulher do grande mundo, cuja conduta causa compaixão? Será enfim aquela pessoa que não aprecia, que não toma gosto a outras máximas que às máximas do mundo? Mas não tratou Deus de loucura a prudência deste mundo? *Nonne stultam fecit Deus sapientiam hujus mundi?* Devemos nós pensar nem discorrer de outra maneira que como julga aquele Senhor, pois quis salvar os que creem por meio daquela pregação que o mundo qualifica de loucura? *Placuit Deo per stultitiam prædicationis salvos facere credentes.* Busquem embora outro caminho para a salvação esses discretões do mundo que olham com tanto horror esta santa loucura; tracem eles mesmos, se podem, outra vereda; mas inventarão, encontrarão outro distinto que não seja um precipício ou um caminho real de sua eterna perdição?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 3 de São Mateus.

Mateus 3,1-4

> **Latim:** [1] In diebus autem illis venit Joannes Baptista prædicans in deserto Judææ, [2] et dicens : Pœnitentiam agite : appropinquavit enim regnum cælorum. [3] Hic est enim, qui dictus est per Isaiam prophetam dicentem : Vox clamantis in deserto : Parate viam Domini ; rectas facite semitas ejus. [4] Ipse autem Joannes habebat vestimentum de pilis camelorum, et zonam pelliceam circa lumbos suos : esca autem ejus erat locustæ, et mel silvestre.

Português: [1] NAQUELLES dias pois veio João Baptista pregando no deserto da Judéa, [2] e dizendo: Fazei penitencia: porque está proximo o reino dos ceos. [3] Porque este he de quem fallou o profeta Isaías, dizendo: Voz do que clama no deserto: Apparelhai o caminho do Senhor: endireitai a suas varédas. [4] Ora o mesmo João tinha hum vestido de pelles de camelo, e huma cinta de couro em roda dos seus rins: e a sua comida erão gafanhotos, e mel silvestre.

Meditação

Da penitência corporal

Primeiro ponto

Considera que a penitência corporal, as mortificações do corpo não são uma virtude precisamente dos desertos nem privativamente dos claustros; são frutos de penitência que brotam em todos os

terrenos e se dão em todas as estações. Todos trazemos conosco mesmos um corpo de pecado que é mister destruir, crucificando-o com Cristo. Nossos sentidos todos estão de inteligência com o inimigo de nossa salvação; nem um há, digamo-lo assim, que não nos sirva de ocasião de pecado, que não nos esteja armando laços. Introduziu-se a morte em nossas casas, diz o Profeta, porque entrou pelas janelas. Desenganemo-nos, que não é possível conservar a inocência sem a mortificação dos sentidos. É mister macerar a carne com jejuns e com penitência; é mister que a circunspecção e a modéstia refreiem a licença dos olhos, pelos quais se coa até a alma o mais sutil veneno. Tocando o contágio os sentidos, logo inficiona o coração.

Nossas paixões são muito dignas de temer-se; mas toda a força que têm a devem a nossa imortificação. Alimenta-as nossa sensualidade; fazem-nos guerra com as mesmas armas que lhes damos. Detestemos quanto quisermos seus perniciosos desígnios; façamos mil propósitos e resoluções; isso nada alcança: o meio eficaz para debilitar este inimigo interior é domar a carne, mortificar os sentidos e fazer vida penitente. Se se derruba este cercado, que maravilha é que a vinha esteja exposta a que a vindimem, a pisem ou a talem? O que sustenta delicadamente seu escravo, diz o Sábio, algum dia o verá levantar-se contra seu amo. Sempre se comunicam à alma as disposições do corpo: busca-se em tudo a comodidade; tem-se uma vida sensual e regalada; passam-se os melhores dias em ociosidade e entre delícias; nada se nega ao antojo dos sentidos; inventam-se refinamentos até sobre a mesma delicadeza; e depois de tudo isto quer-se que a concupiscência não fale palavra, que as paixões estejam sujeitas à razão, que, ao mesmo tempo que voluntariamente se acende o fogo por todas as partes, possa um andar sem sentir nem tão só o calor mesmo em meio do forno da Babilônia: contar com semelhantes milagres, não é querer atordoar-se para perder-se com menos remorso? E depois disso, Senhor, queixar-me-ei, admirar-me-ei de minhas fraquezas e de minhas recaídas!

Segundo ponto

Considera se entre todos os santos que são objeto de nossa veneração, propondo-os a Igreja por exemplar a nossa imitação, se acha sequer um que não tivesse mortificado seus sentidos, domado sua carne e feito vida penitente. Os que nunca perderam a inocência e os que foram pecadores; os que viviam em meio do mundo e os que estavam como sepultados nos desertos; o humilde pastorzinho e o pobre artesão, igualmente que os que nasceram sobre o trono; todos crucificaram seu corpo, todos fizeram penitência. Mas a nós o nome só de mortificação nos estremece; assustam-nos o jejum e a abstinência de quaresma: e não obstante todos pretendemos salvar-nos! Todos esperamos ser santos! Pode haver confiança mais presunçosa?

São Eduardo foi jovem, foi rei; sua vida foi sempre pura, sempre inocente; com tudo isso, este jovem, este inocente rei mortifica sua carne, faz vida rigorosa e penitente. Mas hoje são poucos os mundanos que não olhem com horror tudo o que soa a penitência. A idade, a dignidade, o estado, a conservação da saúde, os empregos, os negócios, a delicadeza de compleição, tudo clama, tudo grita que é mister dispensar-se de fazer penitência. Pois em verdade que a religião não envelheceu, nem o Evangelho de Jesus Cristo se mudou, nem os sentidos nos fazem menos guerra, nem o tentador se retirou, nem as paixões estão menos vivas: somos nós privilegiados? Terá-se alargado acaso o caminho do céu? Digamo-lo melhor: em vista disto, serão muitos os que se

salvem?

Coisa estranha! Vai uma terna donzelinha a sepultar-se em vida entre as paredes de um claustro, levando consigo sua primeira inocência, e consome-se em penitências e em mortificações para merecer o céu: enquanto outra irmã sua, entregue totalmente aos passatempos do mundo, passa a vida em diversões e em regalos e nem sequer pode ouvir falar de jejum, de mortificação de sentidos, de quaresma. É certo que uma das duas vai errada; pois consultemos o Evangelho e saberemos qual das duas está na vereda de perdição.

Ainda estando dentro do porto abrigadas das tempestades, distantes dos escolhos, com as paixões quase apagadas, as almas religiosas e puras não esperam assegurar sua salvação sem o socorro da penitência: e aquelas outras almas atestadas de pecados, escravas de suas paixões, sitiadas de perigos, creem que podem muito bem passar sem este sal que preserva da corrupção, sem este antídoto contra o veneno, sem estas armas contra o inimigo da salvação, sem estes dignos frutos de penitência. Que ilusão, que extravagância!

Conheço, Senhor, a necessidade que tenho destes poderosos meios, e minha passada delicadeza, cobrindo-me de confusão, faz-me sentir com maior claridade quão indispensável me é fazer penitência. Desde este mesmo ponto declaro a guerra a meu amor-próprio, como também a meus sentidos, e, cheio de confiança em vossa misericórdia, espero que há de ser fruto de meus presentes propósitos uma completa vitória.

Jaculatórias

> *Christo confixus sum cruci.* Gl 2.

Sim, doce Jesus meu, sim, crucificado estou convosco na cruz e jamais me apartarei de vosso lado.

> *Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis.* Gl 5.

Nenhum é verdadeiro discípulo de Cristo que não crucifique sua carne com seus vícios e paixões.

Propósitos

1. De tudo o que leste e das reflexões que acabas de fazer hás de concluir que a mortificação do corpo te é absolutamente necessária; e compreende bem em que erro, em que perigo estão os que só pensam em regalar-se, os que inventam cada dia novos primores à delicadeza, os que se

estremecem, se enchem de medo só com ouvir nomear abstinência, jejum, mortificação de sentidos, penitência. Nunca esqueças aquelas admiráveis palavras do Apóstolo que acabas de ler: *Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt*: todos quantos até aqui se declararam por Cristo, todos crucificaram sua carne. Pois os que a tratam com tanta brandura, com tanto regalo, os que não a crucificam, por quem se declaram? De quem serão discípulos? Desenganemo-nos; posto que essas damas delicadas, esses grandes do século, essas pessoas de classe, essas gentes do mundo professam a mesma religião que professaram os santos, é mister que tenham uma vida crucificada como eles a tiveram. Examina que penitências, que mortificações fazes; e regula desde logo, com aprovação de teu diretor, as que hás de fazer daqui em diante, resolvendo que não passe dia sem fazer alguma.

2. Sobretudo hão de ter o primeiro lugar os jejuns da Igreja e as abstinências de preceito. Não é grande irreligião dispensar-se delas a título de mocidade, de compleição delicada, de saúde débil, de condição nobre, quando, não obstante essa débil saúde, essa delicada compleição, tens força para ficar as três e as seis horas no jogo, com uma postura de corpo e com uma aplicação de ânimo capazes de render a maior robustez? Oh, que o jejum incomoda e a quaresma enfraquece: razão não só miserável mas ridícula em quem se chama cristão! Pois quê, é a penitência uma sensualidade? E pretende o que faz penitência lisonjear o gosto ou fomentar a inclinação ao regalo? Jamais te dispenses, sem notória e grande necessidade, das abstinências e jejuns de preceito; e ainda então procura recompensar com esmolas e com outras boas obras penosas o jejum e abstinência de que te dispensam. Não te contentes com as penitências de obrigação; põe-te de acordo com teu confessor acerca das que hás de fazer voluntariamente e de supererrogação todos os anos, todos os meses e todas as semanas. Se o consultas com o amor-próprio, não acharás mortificação que te convenha, porque todas tas representará contrárias a tua saúde. Reprime-se, mortifica-se um tanto pelo mundo e por seu próprio gosto; e nada se há de fazer, nada se há de padecer por sua eterna salvação?

São Braulio, Bispo e Confessor

Entre os prelados sobressalentes em virtude e letras que tem tido a igreja da Espanha, um foi o glorioso São Braulio, bispo de Saragoça e honra imortal daquela respeitável sede. Há quem o faça irmão de São Hermenegildo e de Recaredo; há quem lhe dê a mesma ascendência que aos santos Leandro, Fulgêncio, Isidoro e Florentina; mas a verdade é que se ignora quem fossem seus pais e só sabemos por Santo Ildefonso que foi irmão de seu predecessor João, que tanto brilhou no mesmo bispado. Desde seus tenros anos deu mostras da capacidade que tinha seu coração para dar assento às virtudes e do talento particular que prometia feliz acolhimento às ciências. Umas e outras cultivou nosso jovem, sob a direção de excelentes mestres, quais foram seu mesmo irmão e o glorioso Santo Isidoro, a quem ouviu em companhia de Santo Ildefonso.

Em tal escola, deixam-se conhecer os admiráveis progressos que faria um jovem que em nada se dissipava e que se aproveitava com um ardor insaciável das lições de piedade e dos exemplos com que as via praticadas. As sagradas letras, os cânones eclesiásticos, a disciplina e os santos padres eram as fontes cristalinas onde bebia aquela doutrina pura e sublime que se nota em todas as suas

cartas e com que ilustrou depois os monarcas e os concílios. Mas não quis que esta ciência fosse seca e desalinhada, mas que tivesse todos os adornos e atrativos que encantam suavemente e que logram às vezes efeitos maravilhosos que não consegue talvez o zelo se carece de eloquência. Portanto, estudou os autores profanos, tomou conhecimento das línguas mais necessárias e não desprezou o furor e entusiasmo dos poetas; antes de tudo fez um cabedal que empregou depois com ganhos em benefício da Igreja e de seu esposo Jesus Cristo. Os hinos que compôs em louvor dos que venceram o mundo e aquela carta dirigida ao papa, que tanto deu que admirar em Roma, são claros testemunhos do alto grau em que possuiu este servo de Deus as letras humanas e as sagradas ciências.

Como a estes ornamentos acrescentava os de uma virtude sólida, fez-se tão doce e apetecível no trato e tão amável para todos que se tinha por feliz o que desfrutava sua conversação ou aquele que lograva sua correspondência por cartas. Seu mesmo mestre, o grande Santo Isidoro, amava-o com tal extremo que, para mitigar seu ardor, lhe escrevia cartas amorosíssimas e regaladas e lhe enviava presentinhos. Sendo ainda arcediago, escreveu-lhe uma em que lhe diz estas palavras: «Filho meu caríssimo, quando receberes esta carta de teu amigo, não te detenhas em beijá-la como se fosse ele mesmo em pessoa. Os que estão ausentes não têm outro consolo que beijar as cartas de seu amado. Enviei-te um anel e uma capa: o primeiro em sinal da união de nossos corações e a segunda para que cubra e resguarde nossa amizade, que é o que significou a antiguidade no vocábulo de que usam os latinos. Roga a Deus por mim, e o Senhor queira mover-te o coração de maneira que mereça eu voltar a ver-te outra vez, para que tanta seja minha alegria vendo-te como é o pesar que tenho desde que estás ausente.» Assim significava Santo Isidoro o aceso amor que tinha a São Braulio; o que prova com clareza o grau de amabilidade a que este bendito santo havia chegado por sua ciência e integridade de vida.

Conheceram-no bem seus superiores e, advertindo o tesouro que nele tinha a Igreja, determinaram honrá-lo com suas dignidades, bem satisfeitos de que Braulio não as converteria em motivo de vaidade e de soberba, mas em edificação e proveito das almas. Com efeito, seu irmão quis descarregar sobre os ombros de Braulio grande parte do peso que tinha sendo bispo; e assim, chamando-o a Saragoça, fê-lo arcediago daquela igreja, que é dizer, deu-lhe o ofício e cargo de mais cuidado e responsabilidade que tinha toda a diocese. Neste tempo, desejando continuar sua própria instrução e juntamente proporcionar aos fiéis os escritos mais instrutivos e piedosos, solicitou de seu mestre Santo Isidoro que escrevesse os livros das *Etimologias*, obra que, como afirmou o mesmo São Braulio, basta por si só para formar o estudo de um homem e fazê-lo instruído tanto nas letras humanas como nas divinas. Condescendeu o santo bispo às súplicas de seu discípulo, e assim deve reconhecer-se devedora de uma obra tão preciosa nossa Igreja e o mundo todo às reiteradas instâncias de Braulio, as quais não pôde resistir seu mestre pelo sumo amor que lhe tinha.

Também lhe dirigiu, sendo arcediago, aquele antídoto admirável contra os trabalhos e tribulações que se padecem nesta vida, isto é, a obra dos *Sinônimos*, em que o santo arcebispo de Sevilha introduz a razão dando os conselhos que podem tranquilizar solidamente um coração agitado e ensinando os meios seguros de conseguir a paz verdadeira com que descansam as almas piedosas. De tudo o que tirou nosso santo tão cumulados frutos que, tendo o Senhor chamado a melhor vida seu irmão João, não se encontrou sujeito mais digno de sucedê-lo na sede de

Saragoça. Esta eleição se refere comumente acompanhada do prodígio de haver baixado do céu um globo de fogo sobre a cabeça de São Braulio, ao tempo que num concílio de Toledo se consultava para dar sucessor a seu irmão; ouvindo-se uma voz que dizia: Este é meu servo escolhido, sobre o qual pus meu espírito. Mas assim este como outros sucessos maravilhosos que referem alguns modernos carecem do apoio da antiguidade, pelo que não insistimos sobre eles, persuadidos de que os fatos não se adivinham nem se podem saber senão pelo testemunho de documentos fidedignos.

Sentado nosso santo na sede de Saragoça, começou a difundir tanta luz de sabedoria e celestiais virtudes que era a admiração dos mais provectos, ao tempo que seus exemplos se deixavam imitar dos mais fracos. Fiel executor das regras que prescreve São Paulo a seus discípulos Tito e Timóteo, era sóbrio, casto, humilde, prudente e caritativo, fazendo-se tudo para todos. Ofereceu-se-lhe boa ocasião para manifestar todas estas virtudes logo que o consagraram bispo, porque imediatamente viu-se sua diocese afligida da guerra, da fome, da esterilidade e de sua companheira inseparável, a peste. Sofria todos estes males com indizível paciência, adorando a mão invisível que com eles castigava os excessos dos mortais. Mas ao mesmo tempo cuidava, como solícito pastor, de acudir a todas as partes com remédio e consolo, para que entre tantos males nem se descaminhassem nem se perdessem suas ovelhas. Alentava os fracos, consolava os aflitos, ajudava os necessitados, alimentava os famintos e, qual amoroso pai, achava-se à cabeceira dos enfermos e moribundos, dando-lhes fortaleza com suas exortações e confortando suas almas com doces e piedosas palavras. Faltava a si mesmo por assistir a seus súditos, sendo tanto o zelo e a caridade com que os assistia que não lhe restava tempo para escrever sequer uma carta a seu amigo e mestre Santo Isidoro.

Mas em meio de tantas borrascas e trabalhos jamais desatendeu o principal cuidado, que era o de sua própria santificação, pelos vários e difíceis meios que lhe ofereciam as circunstâncias. Cuidou antes de tudo de exercitar-se na humildade, como base e fundamento de todo o espiritual edifício. Poucos bispos tem tido a Espanha que tenham logrado um conceito tão vantajoso, uma admiração tão universal e uns louvores tão extraordinários, e menos ainda os que com tanta justiça tenham merecido tais louvores, admirações e conceito. Contudo, no conceito de Braulio nada havia mais desprezível que ele mesmo. Servo inútil dos santos de Deus era o nome ordinário que usava ao assinar as cartas; e estava tão persuadido disso que a um bispo que lhe escreveu exaltando suas prendas e merecimentos parece que quis persuadir-lhe o contrário, segundo a eficácia com que lhe fala de sua pequenez e insuficiência. Se alguma vez errou, confessou lisa e singelamente seu erro, implorando o perdão e indulgência, como se vê numa de suas cartas escrita ao bispo Wiligildo, em que confessa haver feito mal em ordenar de diácono um monge súdito deste prelado e lhe rogou com as expressões mais humildes que lhe perdoasse este excesso.

Na verdade pedia com justiça, porque uma das principais virtudes em que este santo resplandeceu foi no perdão das injúrias e na mansidão e sofrimentos das perseguições e trabalhos. Todo o seu bispado foi uma série contínua de amarguras. A reforma dos abusos introduzidos, a severidade com que mantinha a disciplina eclesiástica e o leão com que se opunha como muro forte às desordens e relaxações que trazem consigo uns tempos turbados com guerras e com heresias ocasionaram-lhe desgostos tão pesados que nunca escreve a Santo Isidoro nem aos reis Chindasvinto e Recesvinto sem ponderar as angústias e amarguras em que estava submergida sua

alma. Não obstante, nunca se queixa de sujeito determinado; antes, sendo notórias as injúrias que lhe escreveu um certo Tajão, presbítero, responde-lhe com tal mansidão, com palavras tão cheias de caridade e doçura, que manifesta bem ser fiel discípulo daquele que deu seu sangue pelos mesmos que o crucificaram.

Exercitado deste modo em sofrer as contradições do mundo, buscando seu consolo em Deus e sua tranquilidade na oração, na meditação das santas escrituras e no cuidado de seu rebanho, saiu excelente mestre para dar consolação e enxugar as lágrimas dos que as vertiam nas ocasiões mais funestas. Consolou sua irmã Basila na morte de seu marido; a Pomponia na morte de Basila e do bem-aventurado Numito, bispo de Gerona; a Hoyon e Eutrócia na de Hugnan, grande amigo do santo; e, finalmente, a Ataulfo, Gundesvindo e Wistremiro, que estavam inconsoláveis pela morte destas prendas muito amadas. E isto o fazia com tanta ternura e piedade, como se pode conhecer por estas palavras com que principia a carta que escreveu a Wistremiro: «Apesar de que não é consolador oportuno aquele que por suas próprias penas está submergido em pranto, com tudo isso quisera eu só padecer tua dor e a minha, a troco de poder ouvir a gostosa nova de que vivias consolado.» Desejar carregar com os trabalhos e adversidades de seus próximos, por ter a doce satisfação de aliviar-lhos, é a caridade para com eles levada ao mais sublime grau.

Duas coisas lhe enchiam o coração de uma tranquilidade admirável e de uma superioridade decidida sobre suas angústias: uma era o exercício da oração, em que recebia do céu não somente consolos espirituais superiores a todo o rigor e amargura com que atormentam os trabalhos do mundo, mas as luzes suficientes para dar saída aos negócios mais árduos e conselhos sólidos e acertados aos que se achavam em ocasião de necessitá-los; outra era a santa companhia de um varão tão sábio e tão piedoso como o era seu discípulo o arcediago Eugênio, que, enfastiado dos enganos da corte, se havia retirado a fazer vida monacal em Saragoça, deixando a Toledo a inquietação de seus cortesãos, seus enganos e suas perfídias. Assim o deu a conhecer o mesmo santo na carta que escreveu ao rei Chindasvinto, por ocasião de chamar este soberano o referido Eugênio para que presidisse na sede de Toledo. Este golpe lhe encheu o coração de tanta amargura que não deixou diligência por fazer para que o soberano se apiedasse da tristeza em que o submergiria esta separação. Ponderava sua incapacidade no ministério da palavra, suas quebrantadas forças, as muitas turbações que padecia sua diocese, a necessidade que tinha de seu arcediago para conservar o rebanho do Senhor seguro dos acometimentos com que pretendiam ensanguentar-se nele vorazes e carniceiros lobos; e por último representava-lhe que estava quase cego e que, tirando-lhe Eugênio, lhe roubavam a metade de sua alma.

O piedoso rei respondeu cortesmente a sua carta, ponderando sua erudição, sua sabedoria, sua eloquência e concluindo com dizer que Saragoça estava bem provida de pastor com sua pessoa e que a igreja de Toledo tinha justiça para pretender outro tanto na de Eugênio; que reconhecesse aquela eleição como dirigida pelo Espírito Santo e esperasse que o justo Juiz premiaria no mestre a doutrina e santas virtudes com que havia sabido enriquecer seu discípulo, tornando-o digno de governar a primeira sede da Espanha. Não pôde Braulio resistir a razões tão poderosas, que iam além disso revestidas de toda a autoridade e poder que lhes dava o haverem sido ditadas desde o trono; e assim enviou Eugênio, mas com tanta dor de sua alma que não pôde deixar de esperar que seria outra vez restituído à igreja de Saragoça. Mas a divina Providência tinha disposto que Eugênio presidisse na sede de Toledo, como se verificou sendo consagrado metropolita no ano de

646, e ficando Braulio coberto de amargura, embora em tudo resignado e conforme com as disposições divinas.

À proporção de suas virtudes brilhava sua sabedoria. A primeira ocasião em que se deixou ver, com admiração de toda a Espanha, foi o concílio IV de Toledo. Já a fama havia publicado que era digno discípulo de Santo Isidoro; mas neste concílio ofereceram-se-lhe ocasiões de testificar que as vozes com que se havia estendido e celebrado sua doutrina eram ainda muito inferiores à verdade. Em quantos pontos se trataram falou como um oráculo, tendo-se preparado de antemão com um estudo ativo e prolixo de quanto no concílio se havia de resolver, a cujo fim suplicou a seu mestre que intercedesse com o rei para que lhe remetesse o códice das atas do concílio que tivera em Sevilha Santo Isidoro. É de crer também que, achando-se este santo sumamente débil, cansado e enfermo, carregaria todo o peso do concílio sobre São Braulio e, por conseguinte, que teria este muita parte na disposição das atas e na formação dos cânones, já porque sua ciência o fazia olhar com respeito, já por aliviar deste modo seu amado mestre, que não tinha já forças para semelhante trabalho.

Estando neste concílio, encarregou-lhe Santo Isidoro que corrigisse e aperfeiçoasse a obra das *Etimologias*, que pouco antes lhe havia dirigido, já pela satisfação que tinha em seu talento, já porque a instâncias suas havia composto a obra. Com efeito, São Braulio condescendeu com as insinuações de seu mestre, dividindo o códice em vinte livros e purgando-o de muitos defeitos com que o haviam alterado os copistas. O trabalho que empregou nesta correção foi sem dúvida muito considerável, porque, além de ser a obra de muita erudição e doutrina, tinha São Braulio por então o ânimo ocupado de amarguíssimos sentimentos. Causaram-nos as mortes de algumas pessoas amadas do santo, que ilustravam a Igreja com suas virtudes e eram um vivo exemplar de perfeição para os fiéis. Tais foram, entre outros, o marido de Basila, irmã sua, a mesma Basila, Numito, bispo de Gerona e, o que é mais que tudo, o mesmo Santo Isidoro, a quem amava como a amigo, respeitava como a mestre e venerava como a santo.

Desde este tempo começou Braulio a ser o único apoio e oráculo dos concílios e a tocha com que se iluminavam todos os bispos da Espanha para dar acertadas resoluções nos casos árduos que se lhes ofereciam. Pouco depois da morte de Santo Isidoro, juntou-se em Toledo o concílio V, no ano de 636, no qual se apresentou nosso santo como um sol que despedia resplendores para a ilustração de todas as igrejas da Espanha. Todos os padres reconheciam a superioridade de suas luzes e assim punham em suas mãos todas as determinações, seguros do acerto. A ele se devem os sábios cânones e decretos com que se afirma o dogma e se corrobora a disciplina, pelo que Santo Ildefonso o elogiou, chamando-o esclarecido e ilustre na formação dos cânones e atribuindo-lhe os que se estabeleceram neste concílio e no seguinte. Este foi o sexto toledano, famoso porque em seus cânones se faz uma sólida refutação de quantas heresias se haviam condenado até aquele tempo e porque além disso se vindicou a honra dos bispos da Espanha, falsamente caluniados em Roma de pouco vigilantes em seu ministério.

Esta vindicação a fez São Braulio, comissionado por todo o concílio, como sujeito em quem com a doutrina se juntava a amenidade das belas letras e a arte de fazer prevalecer a verdade, apresentando-a com todos os atrativos da eloquência. Ao juntar-se o concílio, receberam os padres uma carta do papa Honório, remetida pelo diácono Turnino, na qual os reconvinha asperamente

por não cumprir exatamente com seu ministério, resistindo com esforço e valor aos inimigos da fé; acrescentando que temia que se não cumprisse neles aquela sentença que por infiéis custódios do rebanho de Jesus Cristo se os condenasse como a cães mudos que não tinham ânimo para ladrar sequer contra os lobos carniceiros. Sentiram os padres uma reprensão tão severa do pastor da Igreja universal, e foi tanto maior seu sentimento quanto estavam mais seguros em sua consciência de haver cumprido exatamente com seu cargo, condenando os erros, opondo-se vigorosamente às novidades e enchendo completamente as obrigações de bispos vigilantes e zelosos. Sua muita virtude não pôde fazer-se desentendida dos prejuízos que traz consigo uma calúnia quando chega a encontrar abrigo no peito de um superior. Determinaram, pois, prevenir as funestas consequências, desenganando o Santo Padre das falsidades que lhe haviam sugerido; e para este efeito remeteram-lhe cópia das atas dos concílios anteriores, juntamente com uma carta escrita por São Braulio, a qual, diz o arcebispo dom Rodrigo, causou grande admiração em Roma pela formosura de seu estilo e a gravidade de suas sentenças. Nela faz ver ao pontífice o zelo e esmero com que, tanto o rei Chintila como os bispos da Península, cuidavam de manter em toda a sua pureza a doutrina de Jesus Cristo; faz-se cargo de que é próprio de seu ofício pastoral dirigir semelhantes avisos a todas as igrejas, mas ao mesmo tempo que o é também não dar fácil entrada nem crer com precipitação as delações que se fazem contra um corpo de bispos tão respeitável; propõe-lhe o exemplo desta cautela neles mesmos, os quais, embora houvessem ouvido dizer que o romano pontífice permitia voltar a seus ritos supersticiosos aos judeus que haviam recebido o batismo, de nenhuma maneira haviam dado assenso a semelhante nova, supondo-a muito alheia da firmeza e santidade daquela pedra sobre que Cristo havia fundado sua Igreja; e por último lhe roga que ajude com suas orações para que o Senhor proteja a saúde e bons propósitos, tanto do rei piedoso como de uns bispos que de acordo com ele velavam sobre o depósito da fé.

Não brilhava menos sua portentosa sabedoria fora dos concílios; e assim recorriam a Braulio os bispos, os reis, presbíteros e todo gênero de pessoas, como a uma fonte de doutrina e de prudência onde achavam a solução de suas dúvidas e conselhos acertados nos negócios mais árduos e difíceis. Logo que Eugênio foi promovido ao arcebispado de Toledo, achou-se embaraçado com alguns casos de tão difícil solução que não se atreveu a resolvê-los por si mesmo, mas pediu a nosso santo que o aconselhasse sobre o que devia fazer, contemplando que de sua doutrina não se podia esperar outra coisa que o acerto. Havia encontrado um presbítero fingido que exercia as funções do sacerdócio sem haver recebido realmente esta ordem sagrada; achou alguns diáconos que costumavam administrar o sacramento da confirmação; e por último achou presbíteros que, não contentes com confirmar, se atreviam a consagrar o óleo e bálsamo para a confirmação. Apesar dos muitos cuidados, tristezas e amarguras que por então o oprimiam, responde a tudo nosso santo com grande cópia de doutrina, rogando ao mesmo tempo a Eugênio humildemente que, se achava algum defeito em suas respostas, o corrigisse e lhe avisasse para corrigi-lo ele mesmo.

A grande obra de assegurar a tranquilidade do reino fazendo que a Chindasvinto sucedesse Recesvinto na coroa foi também fruto da sabedoria de Braulio e da alta consideração que tinha em todas as hierarquias da nação e na estima do mesmo rei. Haviam-se experimentado várias turbações e excessos nas eleições de monarca. Com previsão da morte de Chindasvinto iam-se já fomentando facções por pessoas tumultuárias e ambiciosas que aspiravam ao trono por meio da

tirania. Os espanhóis fiéis e sensatos previram que custariam muita guerra e sangue semelhantes turbulentas intenções, e assim procuraram pôr a tempo o remédio aos males que ameaçavam, solicitando que Chindasvinto não somente declarasse seu filho herdeiro da coroa, mas o associasse no mando, dando-lhe o título e potestade de rei antes de sua morte. Mas um negócio tão árduo necessitava, para tratar-se e conseguir-se, de uma mão mestra que soubesse manejar todos os meios da prudência, da política e da razão. Puseram-no todo na de Braulio, de cuja sabedoria, autoridade e santidade não duvidaram de que faria o rei todo o apreço que esperavam. Com efeito, escreveu o santo bispo a Chindasvinto uma carta em que, depois de representar-lhe o amor e fidelidade de seus vassalos, as calamidades e turbações a que ficariam expostos se não se prevenissem oportunamente os artifícios da ambição, chega a propor-lhe, temeroso e esperançado, o meio que os espanhóis desejavam. O efeito desta carta foi nomear a Recesvinto sucessor da coroa e rei juntamente com Chindasvinto enquanto a este lhe durasse a vida.

Depois que Recesvinto subiu ao trono, encarregou a São Braulio a correção de um códice que estava tão falto e mendoso que assegurou o santo que lhe teria sido de menos trabalho escrevê-lo de novo. Portanto, depois de haver feito algumas correções, devolveu-o ao rei, alegando que seus muitos anos, suas enfermidades, a falta de vista e as amarguras que lhe faziam padecer os espíritos díscolos e inquietos o faziam tardar demasiado e quase desconfiar da conclusão da obra. Mas o piedoso monarca, conhecendo quanto valia o trabalho de um varão tão consumado em letras e virtudes, não quis desistir de seu empenho. Consolou-o em seus trabalhos; alentou-o com a esperança de que o Senhor, por cuja causa trabalhava, lhe infundiria novo vigor e novas forças e por último que só de seu talento e sabedoria esperava a conclusão daquela obra. Cedeu o santo às honoríficas e piedosas insinuações do monarca e concluiu a obra, remetendo-a com as humildes expressões de que, se algum erro se encontrava nela, devia atribuir-se à cortedade de suas luzes e, pelo contrário, todos os acertos deviam atribuir-se à graça particular daquele Senhor que havia sabido desatar a língua do animal mais rude para que falasse quando convinha.

Uns trabalhos tão pesados e tão contínuos, as inquietações e detrações que lhe fizeram padecer os inimigos da virtude, o zelo e vigilância com que olhava a salvação de suas ovelhas e as muitas enfermidades que padeceu puseram termo a sua preciosa vida, cujo fim o obrigavam a olhar com gosto as amarguras com que a passava; como afirma na primeira carta que escreveu a Chindasvinto. Sucedeu sua morte pelos anos do Senhor de 651, sendo chorada de todos os bons, que conheciam que em São Braulio havia perdido a igreja da Espanha um ministro fiel, um bispo zeloso, um doutor sapientíssimo, um pai amoroso e um sacerdote santo. Seu venerável corpo foi sepultado na igreja de Santa Maria Maior, que hoje se chama do Pilar, onde, pela miséria dos tempos seguintes, chegou a estar sem veneração e desconhecido por mais de seiscentos anos. Mas Deus, que quer que sejam veneradas as relíquias, sagrados despojos de seus servos, revelou ao bispo dom Pedro Garcés de Januas o sítio onde repousavam as do santo, desde onde foram trasladadas com grande veneração ao altar-mor da mesma igreja do Pilar, onde os fiéis as veneram.

São Braulio escreveu a vida de São Milão; um índice das obras de seu mestre Santo Isidoro; a vida dos santos mártires Vicente, Sabina e Cristeta e muitas epístolas cheias de unção e sabedoria, que são um depósito de instrução para os fiéis e um testemunho dos grandes trabalhos que padeceu o santo pelo amor de Jesus Cristo e de sua esposa a Igreja.

Missa (oração)

A missa é em honra deste santo: a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui per os Braulii confessoris tui atque pontificis, verbi tui arcana reserasti, et hæreticorum spurcitiam illius prædicatione confudisti: fac nos, quæsumus, famulos tuos, illius et eruditione proficere, et oratione defendi. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que nos manifestastes os mistérios de vossa palavra por boca de São Braulio, vosso confessor e pontífice, e que confundistes a pestilente doutrina dos hereges com sua admirável sabedoria, suplicamo-vos, Senhor, que façais que nós, vossos servos, nos aproveitemos de seu ensinamento e sejamos defendidos com suas orações. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”), a mesma do dia 1.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse

incenso digno dele, em odor de suavidade.

Reflexões

Tudo quanto há de grande no mundo é, em presença de Deus, como se não fosse: os montes, diz o santo Davi, derreteram-se como cera diante do Senhor, e não só os montes, mas toda a terra. Com tudo isso, a santa madre Igreja, tomando as palavras com que o Espírito Santo fez o elogio de Noé, Abraão, Isaac, Moisés e Arão, não duvida aplicá-las àqueles justos que acertaram a imitar tão excelentes exemplares, chamando-os grandes sacerdotes. Na verdade, um epíteto de tanta recomendação com dificuldade poderá encontrar mérito mais proporcionado que o de São Braulio, tão digno bispo como temos visto em sua preciosa vida. Foi grande em tudo; mas singularmente nas obrigações privativas de sacerdote, em que manifestou virtudes dignas de imitar-se respectivamente em todos os estados.

Os sacerdotes são os mestres do povo: não somente ensinam suas palavras, mas muito mais suas ações e seus costumes. Poucos há que não estejam persuadidos de que os sacerdotes são os depositários da doutrina do Evangelho, assim como o são do sangue de Jesus Cristo. Ouvem de sua boca os conselhos acertados, as verdades da lei, a reprensão de seus deslizes e as ameaças terríveis que intimam da parte de Deus. Igual deferência que concedem a suas palavras tributam a suas obras; porque não é fácil persuadir-se de que nenhum prudente obre contra o mesmo que tem por verdadeiro, por justo e proveitoso. Tudo isto está muito bem; e, ao passo que é um modo de julgar reto e regulado, constitui os sacerdotes na mais estreita obrigação de não apagar com o escândalo de suas obras um conceito que a mesma religião fixou já em nossas almas. O pecado do sacerdote leva consigo dupla malícia: a do mau exemplo e a de fazer trocar as ideias que tem o povo do lícito e do ilícito. Aquele que não se atreve a qualificar de pecado grave a ação que viu no ministro do Altíssimo tampouco em si mesmo a reprova; e por este meio se propaga facilmente uma perigosa doutrina.

Mas tudo isto será suficiente para justificar as negras e cruéis murmurações com que despedaçam os seculares os sacerdotes? A miséria de um ministro frágil poderá contaminar de tal maneira toda a profissão do sacerdócio que não se lhe respeite este onde quer que se o encontre, pela indignidade de um homem? O exemplo destes sacerdotes grandes que celebra nossa madre a Igreja não bastará a cobrir e quase anular o mau exemplo que possam dar outros menos em número e menores em dignidade? A só profissão sagrada do sacerdócio não merecerá do povo dissimulo e indulgência? A murmuração sempre é um delito; mas, quando se emprega contra os sacerdotes, costuma ser um delito contra a caridade e contra a religião. Quando os defeitos de um homem que serve ao altar excitam movimentos de queixa contra o sagrado, é necessário reprimir-se, é necessário conhecer que é homem e finalmente lembrar-se de que àquele mau ministro precederam outros muito santos, muito exemplares, e a quem justamente dá a Igreja o título magnífico de sacerdotes grandes.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, o mesmo do dia 17.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Da dignidade do sacerdócio

Primeiro ponto

Considera que qualquer sacerdote, por pecador que se apresente a teus olhos, obtém o mesmo posto e dignidade que obteve Jesus Cristo, sumo sacerdote e o primeiro que na lei de graça dispensou os soberanos mistérios que ele mesmo instituía. Jesus Cristo carregou com os pecados de todo o mundo para expiá-los com o sacrifício cruento que fez no ara da cruz, derramando seu inocente sangue. Jesus Cristo deu-se a si mesmo como uma hóstia agradável ao Eterno Pai, em desconto da injúria que lhe havia sido feita pelo afastamento e soberba do primeiro homem. Jesus Cristo pôs-se entre Deus ofendido e o gênero humano condenado a eterna desdita, para aplacar os justos enojos da indignação divina e restaurar os direitos da inocência que o homem havia perdido, ganhando-lhe a graça, a amizade de Deus e aquela eterna bem-aventurança de que justamente havia sido deserdado. Jesus Cristo, enfim, vendo a multidão dos pecados do mundo e prevendo que sempre os homens necessitariam de um redentor, não se contentou com verter seu sangue e padecer morte ignominiosa, mas antes de morrer inventou seu amor um modo de renovar diariamente o sacrifício e para este fim instituiu a eucaristia e o sacramento da ordem, para deixar nos sacerdotes perpetuado seu cargo e ministério.

A tão alta dignidade se eleva um homem por meio do sacerdócio. Todos os referidos ofícios que executou por si mesmo o Filho do Eterno Pai, trasladou-os respectivamente aos sacerdotes. Com eles se adornam, com eles se condecoram, para que nossos olhos os olhem com aquela distinção e respeito que merecem uns substitutos do Verbo divino encarnado; e também para que com títulos tão legítimos advoguem e intercedam pelo povo. Mas os olhos deste, acostumados a olhar somente objetos terrenos, mal veem nos sacerdotes mais que uns homens nada superiores aos demais. Se não, seriam tratados com o vilipêndio com que o são hoje? Haveria num povo cristão quem se atrevesse a servir-se de um sacerdote para ofícios tão mecânicos e indignos de sua profissão? Quem expusesse o sacerdócio ao desprezo de um menino a quem o sujeita por pedagogo um desprezível estipêndio, se no povo cristão se refletisse devidamente sobre a alteza de tão augusto ministério?

Os poderosos principalmente, que formam um conceito vantajoso dos sacerdotes quando os procuram para diretores de seus filhos, por que hão de rebaixar este mesmo conceito quando os confundem com o resto da família? Quando os sujeitam a ministérios e exercícios que tem de sofrer a pobreza, mas que não deveria consentir a piedade e a religião? O sacerdócio, tão respeitável é no sacerdote indigente como no que está abastecido de bens de fortuna. Estes podem dar um exterior de lucimento, mas não mudar a natureza nem a dignidade. Fazer pouco apreço de um sacerdote está muito perto de fazer desprezo de Jesus Cristo. Pois todo cristão deve saber que Deus é muito zeloso de sua honra e que estão as sagradas letras cheias de terríveis castigos com que em diferentes ocasiões tem vingado os ultrajes que lhe têm feito os temerários e sacrílegos.

Segundo ponto

Considera que os sacerdotes estão encarregados das almas dos fiéis e ao mesmo tempo do preço que por elas deu Jesus Cristo, que não é menos que todo o valor infinito de seu preciosíssimo sangue. Eles são a luz do mundo, como disse a mesma Verdade; são os ungidos do Senhor e os pastores a quem está encarregado o cuidado do rebanho da Igreja. Os sacerdotes são os que repartem o pão da doutrina e em cujos lábios está depositada a sabedoria, a ciência da vida eterna, segundo a expressão de Malaquias. O que eles atam sobre a terra é atado no céu; e o que eles desatam sobre a terra é desatado no céu. Tudo isto quer dizer que a dignidade e ofício de sacerdote é o mais venerável, o mais augusto, o mais digno de consideração e apreço que pode ocupar a mente de um cristão.

Desde logo se deixa ver a grande providência que teve Jesus Cristo para que as almas que havia remido a tanto custo não ficassem abandonadas e expostas à fúria do comum inimigo. Deixou-as encarregadas a uns substitutos seus, a quem cometeu o mais precioso que tinha sobre a terra, que era o fruto de seu sangue, contido nos sacramentos; e a quem encarregou sua doce e amada esposa, por quem trabalhou tantos anos, que é a Igreja sacrossanta. Para este efeito não perdoou nem diligência nem trabalho, nem poupou os milagres e maravilhas; instituiu o santíssimo sacramento do altar; estabeleceu o sacerdócio com a mesma potestade que teve ele mesmo para converter o pão e o vinho em seu corpo e sangue; instituiu o sacramento da penitência para o remédio dos que naufragassem depois de haver recuperado a inocência pelo batismo: e tudo isto o pôs nas mãos dos sacerdotes, para que, como pais dos fiéis, como sábios e prudentes administradores do tesouro de Jesus Cristo, o repartissem dignamente, sem profanar uns dons tão soberanos e divinos.

Quanta consideração, pois, não merecem os sacerdotes, encarregados de tão alto e difícil ministério! Quão merecedores não são de que todo cristão os ajude com suas orações e lhes facilite o desempenho de sua alta dignidade com virtuosos exemplos e santas exortações! O que tu emendares em tua vida, as paixões que refreares, os hábitos viciosos que cortares e o novo plano que assinalares a tua conduta, isso poupas àquele que está encarregado pelo Senhor de fazer estas operações em tua alma para salvá-la. Mas, se assim não o executas, ao menos não condenes o que cumpre com seu ministério. Não qualifiques de delicado, de escrupuloso e talvez de ridículo aquele ministro que quer assegurar-se de tua saúde como se fosse a sua própria, para o efeito de dar a Deus conta dela. Não clames contra suas investigações: seus exames e suas solicitudes são em favor teu, são para bem de tua alma, são para cumprir com seu ministério e são finalmente para precaver em si mesmo a sentença de um eterno suplício.

Jaculatórias

> *Præcursor pro nobis introivit Jesus, secundum ordinem Melchisedech pontifex factus in æternum.* Hb 7.

Nosso Redentor Jesus, tendo sido constituído eterno sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec, entrou no céu, como nosso precursor, a preparar-nos nossa eterna ventura.

> *Domine Deus virtutum, quis similis tibi?* Sl 88.

Senhor Deus das virtudes, quem há que se possa comparar convosco, nem na misericórdia nem na grandeza?

Propósitos

1. É evidente que aos sacerdotes da lei de graça se lhes concedeu uma dignidade tão alta que nem os espíritos mais sublimes do empíreo podem gloriar-se de igualá-los. Enquanto um homem mortal está no altar fazendo as vezes do mesmo Jesus Cristo, consagrando seu corpo e seu sangue e dizendo aquelas palavras mais eficazes e milagrosas que aquele *fiat* com que se criaram os céus e a terra, os anjos têm que estar de joelhos assistindo a seu Senhor e admirando com razão a altura a que quis elevar o homem, cuja carne tomou. Assim, pois, como toda ponderação é inferior a esta excelência, da mesma maneira toda mostra de veneração e de respeito será sempre limitada. A mesma pureza dos anjos parecia aos santos impura quando se tratava de receber ou dispensar o santíssimo sacramento. No ponto se lhes apresentava Jesus Cristo, a eterna sabedoria, o Filho do Eterno Pai, consubstancial com ele, uma das três divinas pessoas, o Verbo divino encarnado, o santíssimo sacramento do altar, o eterno sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec, e quantas grandezas infinitas apresenta a ideia de um Deus feito homem por amor do homem.

Eis aqui um cúmulo de ideias que devem ocupar a imaginação do que fala ou trata com um sacerdote. Se ele não é na realidade santo, é-o na representação e na dignidade que Jesus Cristo lhe conferiu; e isto basta para que nossas palavras e nossas ações sejam respeitosas e comedidas. Devemos venerar aquelas mãos que tratam o corpo de Jesus Cristo; devemos reverenciar aqueles lábios, aquela língua com que se pronunciam as misteriosas palavras que fazem descer do trono de sua glória o Verbo eterno. Nossa salvação, nosso ensino estão em certo modo pendentes dos sacerdotes. Se a quem nos deu a vida manda a mesma natureza que lhe tributemos honra, a quem tem em sua mão a chave do céu e de nossa bem-aventurança, ao que solicita teu bem eterno como se fosse seu próprio, ao que se encarregou de salvar-te e para este efeito te administra a correção, o conselho, a doutrina, os medicamentos oportunos e por último os sacramentos da Igreja, que honra, que respeito não mandará tributar-lhe a justiça, a razão, a religião e a piedade?

Mas é pecador; não corresponde sua vida à alteza de seu ministério. E será capaz de contaminar a dignidade com seus delitos? Rebaixarão suas desordens o preço dos sacramentos, nem diminuirão em ti as obrigações que tens contraídas por cristão? A caridade te obrigará sempre a compadecer-te de um irmão e a religião a venerar um ministro de teu Deus.

São Gabriel, Arcanjo

Por particular concessão da sé apostólica celebra-se nos reinos da Espanha a festividade do gloriosíssimo arcanjo São Gabriel, como a quem devemos o singular benefício de haver anunciado à santíssima Virgem e Senhora nossa a encarnação do divino Verbo e haver trazido ao mundo a notícia de seu maior gozo e consolo, que por tantos anos havia sido o objeto das esperanças dos justos, o alvo de seus suspiros e orações e o fim a que se dirigiam as magníficas promessas que o Onipotente havia feito a seu povo, tirando-o do Egito e trazendo-o à terra de promissão, sinal manifesto de que algum dia havia de tirá-lo da escravidão do demônio, em que vivia desde a primeira culpa, e havia de trazê-lo ao conhecimento perfeito de sua santa lei, por meio de um libertador que destruísse o império da morte e fosse o redentor de todo Israel. Estas grandes e verdadeiras promessas as conheceram particularmente os justos do antigo testamento; e, como observa o padre Santo Agostinho, à proporção que se ia aproximando o tempo de seu cumprimento, foi também fazendo-se mais pública e mais notória esta certíssima esperança em toda a nação hebreia, da qual havia de nascer o Redentor desejado.

Tendo lido Daniel no profeta Jeremias o mistério da desolação da cidade santa, entrou em vivíssimos desejos de entendê-lo; e para isso começou a afligir-se com jejuns, orações, cilícios e outras penitências, confessando ao mesmo tempo seus pecados e os de seu povo de Israel; e, perseverando em tão santos exercícios, mereceu que o Senhor enviasse o glorioso arcanjo São Gabriel para que lhe declarasse aquele mistério e lhe manifestasse todas as suas particularidades, movido sem dúvida dos fervorosos desejos e humildes orações que havia dirigido ao Todo-Poderoso.

Deste mesmo meio se valeu o santo Zacarias, de quem nos diz São Lucas que, vivendo na observância de todos os mandamentos e justificações do Senhor, mereceu que lhe aparecesse no templo o mesmo glorioso arcanjo e lhe dissesse: Não temas, Zacarias, porque foram ouvidas tuas orações em presença do Senhor; e sabe que terás um filho que será teu gozo e alegria e há de ser grande diante do Altíssimo. Assim se verificou, nascendo no tempo assinalado pelo arcanjo o precursor São João Batista, que foi grande na presença de Deus e dos homens.

A santíssima virgem Maria empregava-se igualmente nestes exercícios; e, embora sua humildade a fizesse que se reputasse por uma indigna escrava do Senhor, a quem, sem haver tido exemplo que imitar nos tempos anteriores, havia consagrado sua virgindade perpétua, renunciando deste modo à esperança de que dela pudesse descender o Messias; persuadida, não obstante, como os justos e santos patriarcas, de que de seu povo havia de sair o desejado das gentes, enviava ao céu incessantemente seus suspiros e orações, solicitando a vinda do Redentor. Do íntimo de seu coração puríssimo clamava a Deus com o Profeta: Vem, Senhor, a visitar-nos em paz; vem e perdoa os pecados de teu povo de Israel. Uma súplica tão fervorosa penetra os céus, abre suas portas e consegue que se comuniquem seus bens à terra.

Com efeito, aquele Pai celestial, cujas misericórdias são sobre todas as suas obras, envia um daqueles soberanos espíritos que assistem a seu trono, para que certifique à santíssima Virgem haverem sido ouvidas e despachadas felizmente suas orações. O glorioso São Gabriel é o que

destina Deus para trazer a embaixada mais interessante que jamais pôde fazer-se dos céus à terra, sendo também o primeiro entre todas as criaturas a quem se comunicou o segredo do supremo conselho da Trindade beatíssima. Rompe, pois, as celestiais esferas e, em asas do desejo de nossa reparação, desce a Nazaré da Galileia e, em traje de um jovem tão gentil como honesto, entra no retiro onde à sazão se achava a santíssima Virgem empregada em suas costumadas orações; e, posto em sua presença, saúda-a desta sorte: Ave, Maria, cheia de graça: o Senhor é contigo: bendita tu entre as mulheres. Turbou-se a Virgem ao ouvir estas palavras e pensava que nova saudação seria esta da parte de um anjo; mas São Gabriel a alentou, acrescentando: Não temas, Maria, porque achaste graça na presença de Deus: sabe que hás de conceber e parir um filho, a quem chamarás Jesus, e será também filho do Altíssimo. Este filho reinará eternamente e seu reino não terá fim. Ouve a dificuldade que a Virgem lhe propõe, dizendo-lhe: E como há de ser isto, quando não conheci nem conheço varão? Se consagrei a Deus minha pureza virginal, como posso conceber e dar à luz o filho que me anuncias? Mas São Gabriel lhe manifesta que permanecerá incorrupto seu virginal candor; que tudo se executará por obra do Espírito Santo e por virtude do Altíssimo. Também lhe dá outra alegre nova, e é a feliz gravidez de Santa Isabel, sua prima, a qual, tendo permanecido estéril em sua juventude, veio a ser mãe em sua velhice e estava já no sexto mês de sua gravidez, coisa que parecia impossível; mas nada há impossível para Deus.

Tais têm sido os honoríficos encargos que tem feito Deus ao arcanjo São Gabriel, como vemos nas santas escrituras; sinal manifesto de que é o principal ou o sumo entre os anjos, como o chama São Gregório, pois, tratando-se da mais suprema embaixada que jamais se fez ou se há de fazer no mundo, convinha que fosse destinado para ela um dos primeiros personagens do empíreo. Também nos manifesta o grande poder e valimento que tem com Deus este glorioso arcanjo e o muito que em sua intercessão podemos confiar, se lhe temos uma verdadeira devoção.

Martirológio Romano

Em Cesareia da Palestina, o trânsito de Santo Alexandre, bispo, o qual, indo da cidade da Capadócia de onde era bispo a Jerusalém visitar os santos lugares, sendo então bispo de Jerusalém Narciso, de idade muito avançada, por revelação de Deus ficou governando aquela igreja. Depois, sendo já também muito ancião e muito venerável por suas cãs, na perseguição de Décio, foi preso e levado a Cesareia, onde, encerrado numa prisão, consumou o martírio pela confissão de Jesus Cristo.

Em Augsburgo, São Narciso, bispo, o primeiro que pregou o Evangelho aos grisões; depois, tendo passado à Espanha e convertido a muitos infiéis à fé católica na cidade de Gerona, na perseguição de Diocleciano conseguiu ali mesmo a palma do martírio, em companhia de Félix, diácono.

Em Nicomédia, dez mil santos mártires, os quais foram degolados por confessar a Cristo.

Além disso, os santos mártires Trófimo e Eucárpio.

Na Inglaterra, São Eduardo, rei, o qual foi morto por traição de sua madrasta e resplandeceu em muitos milagres.

Em Jerusalém, São Cirilo, bispo, o qual, por defender a fé católica, padeceu muitas injúrias da parte dos arianos e foi desterrado diferentes vezes de sua igreja; por último, esclarecido em santidade, morreu em paz: da pureza de sua fé deu bom testemunho um concílio geral escrevendo ao papa Dâmaso.

Em Luca, na Toscana, o trânsito de São Frigdiano, bispo, esclarecido pela potestade de fazer milagres. Sua festa principal se celebra no dia 18 de novembro, quando foi trasladado seu corpo.

Em Mântua, Santo Anselmo, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é a própria: a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui inter ceteros angelos, ad annuntiandum Incarnationis tuæ mysterium Gabrielem archangelum elegisti; concede propitius, ut qui festum ejus celebramus in terris, ipsius patrocinium sentiamus in cœlis. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que escolhestes o arcanjo Gabriel entre todos os anjos para que viesse anunciar o inefável mistério de vossa encarnação, concedei-nos, piedosíssimo Senhor, que os que celebramos sua festividade na terra experimentemos que nos patrocine desde o céu. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 9 do profeta Daniel.

Daniel 9,21-26

> **Latim:** [21] adhuc me loquente in oratione, ecce vir Gabriel, quem videram in visione a principio, cito volans tetigit me in tempore sacrificii vespertini. [22] Et docuit me, et locutus est mihi, dixitque : Daniel, nunc egressus sum ut docerem te, et intelligeres. [23] Ab exordio precum tuarum egressus est sermo : ego autem

> veni ut indicarem tibi, quia vir desideriorum es : tu ergo animadverte sermonem, et intellige visionem. [24] Septuaginta hebdomades abbreviatæ sunt super populum tuum et super urbem sanctam tuam, ut consummetur prævaricatio, et finem accipiat peccatum, et deleatur iniquitas, et adducatur justitia sempiterna, et impleatur visio et prophetia, et ungatur Sanctus sanctorum. [25] Scito ergo, et animadverte : ab exitu sermonis, ut iterum ædificetur Jerusalem, usque ad christum ducem, hebdomades septem, et hebdomades sexaginta duæ erunt : et rursum ædificabitur platea, et muri in angustia temporum. [26] Et post hebdomades sexaginta duas occidetur christus : et non erit ejus populus qui eum negaturus est. Et civitatem et sanctuarium dissipabit populus cum duce venturo : et finis ejus vastitas, et post finem belli statuta desolatio.

Português: [21] quando eu, digo, ainda não tinha bem acabado as palavras da minha súplica, eis-que o varão Gabriel, que eu tinha visto ao principio na visão, voando rapidamente me tocou ao tempo do sacrificio da tarde. [22] E me ensinou, e me fallou, e me disse: Daniel, eu sahi agora para te ensinar, e para que tu entendesses. [23] Des do exordio das tuas preces, foi dada esta ordem: e eu vim para te descobrir todas as cousas, porque tu és hum varão de desejos: tu pois toma bem sentido no que vou a dizer-te, e compreende a visão. [24] Settenta semanas foram abreviadas a respeito do teu povo, e a respeito da tua santa cidade, a fim de que a prevaricação se consumma, e o peccado tenha o seu fim, e a iniquidade se pague, e a justiça eterna seja trazida, e as visões e profecias se cumprão, e o Santo dos santos se unja. [25] Sabe pois isto, e adverte-o bem: Des da sahida da palavra, para Jerusalem ser segunda vez edificada, até o Christo capitão, passarão sette semanas, e sessenta e duas semanas: e segunda vez serão edificadas as ruas, e os muros na angustia dos tempos. [26] E depois de sessenta e duas semanas será morto o Christo: e o povo que o ha de negar, não será mais seu povo. E hum povo com o seu capitão, que ha de vir, destruirá a cidade, e o Santuario: e o seu fim será huma ruina total, e a desolação a que ella foi condennada, lhe virá depois do fim da guerra.

Reflexões

Cum adhuc orarem, et confiterer peccata mea et peccata populi mei. Ainda perseverava Daniel em suas orações e súplicas ao Senhor quando, para fazer-lhe saber por meio de um anjo que haviam sido ouvidas e felizmente despachadas, diz-se-lhe que, por ser um varão de desejos, que quer dizer um homem que pede, que solicita com instância, que clama continuamente pelo remédio de seu povo, mereceu ser ouvido, apesar de ser uma coisa maravilhosa e estupenda a que pedia. A fervorosa oração e a humilde confissão de seus pecados alcançaram do Senhor que lhe manifestasse o mistério escondido que tanto desejava o profeta; mas será uma presunção funesta o persuadir-nos de que nossas frias e breves orações hajam de conseguir-nos o que pedimos ao Senhor quando não vão acompanhadas de uma viva fé, de muita perseverança e de um coração verdadeiramente humilde e abatido. Pedir a Deus um benefício que não nos deve de justiça, mas como efeito de sua grande misericórdia, e pedi-lo com um coração que está respirando iras,

vinganças e inimizades é de certo modo insultar sua Majestade, é fazer-nos mais indignos do mesmo que suplicamos e é querer que Deus condescenda conosco quando não se dirige nem a nosso bem espiritual nem à maior glória de Deus o que pedimos.

O mesmo Espírito Santo nos diz que receberemos quanto pedirmos ao Senhor, contanto que lho peçamos como convém; mas que tenhamos também entendido que, se não se nos concede, é sinal de que o pedimos mal ou indevidamente. Mas em tal caso facilmente nos persuadimos de que Deus não quer ouvir-nos se não nos concede no instante nossas petições; e não refletimos que só é culpa nossa e demérito de nossas tíbias e pouco devotas orações o que sejamos desatendidos do Pai das misericórdias. Tampouco queremos entender que muitas vezes é uma grande misericórdia do Senhor o não condescender com o que pedimos; pois nos seria efetivamente muito funesto o mesmo que suplicamos se Deus em tais circunstâncias nos fizesse o favor que desejamos. Deus sabe melhor que nós o que em todas as ocasiões nos convém; e o diferir talvez a concessão de nossas súplicas ou o não conceder-nos o que lhe pedimos é só para nosso bem e para que não nos contentemos com pedir de qualquer maneira, mas aprendamos a pedir com instância, com continuação e sobretudo com uma humildade verdadeira e com um coração singelo, ao qual sempre ouve Deus, como nos assegura o real profeta Davi. Pedindo assim, podemos esperar com fundamento que seremos ouvidos do Senhor; pois é muito mais o que o Senhor pode conceder-nos do que o que nós saberemos desejar. Se às vezes não nos dá o que pedimos, se não nos livra das tribulações que padecemos, não nos devemos queixar, porque tudo nos é útil quando é conforme à vontade do Senhor. Isto é o que pode animar-nos em todos os nossos trabalhos, sabendo que em sofrê-los fazemos a vontade de Deus e merecemos a vida eterna.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Lucas. [^1]

Lucas 1,26-38

> **Latim:** 26 In mense autem sexto, missus est angelus Gabriel a Deo in civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth, 27 ad virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David : et nomen virginis Maria. 28 Et ingressus angelus ad eam dixit : Ave gratia plena : Dominus tecum : benedicta tu in mulieribus. 29 Quæ cum audisset, turbata est in sermone ejus, et cogitabat qualis esset ista salutatio. 30 Et ait angelus ei : Ne timeas, Maria : invenisti enim gratiam apud Deum. 31 Ecce concipies in utero, et paries filium, et vocabis nomen ejus Jesum : 32 hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus : et regnabit in domo Jacob in æternum, 33 et regni ejus non erit finis. 34 Dixit autem Maria ad angelum : Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco ? 35 Et respondens angelus dixit ei : Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te

> sanctum, vocabitur Filius Dei. [36] Et ecce Elisabeth cognata tua, et ipsa concepit filium in senectute sua : et hic mensis sextus est illi, quæ vocatur sterilis : [37] quia non erit impossibile apud Deum omne verbum. [38] Dixit autem Maria : Ecce ancilla Domini : fiat mihi secundum verbum tuum. Et discessit ab illa angelus.

Português: [26] E estando Isabel no sexto mez, foi enviado por Deos o anjo Gabriel a huma cidade de Galiléa, chamada Nazareth, [27] a huma virgem desposada com hum varão, que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. [28] Entrando pois o anjo onde ella estava, disse-lhe: Deos te salve, cheia de graça: o Senhor he comtigo: Benta és tu entre as mulheres. [29] Ella como o ouvio, turbou-se do seu fallar, e discorria pensativa, que saudação seria esta. [30] Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deos: [31] cis conceberás no teu ventre, e parirás hum filho, e pôr-lhe-has o nome de JESUS: [32] este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deos lhe dará o trono de seu pai David: e reinará eternamente na casa de Jacob, [33] e o seu reino não terá fim. [34] E disse Maria ao anjo: Como se fará isso: pois eu não conheço varão? [35] E respondendo o anjo, lhe disse: O Espírito Santo descera sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deos. [36] Que, ahi tens tu a Isabel tua parenta, que até concebeu hum filho na sua velhice: e este he o sexto mez da que se diz esteril: [37] porque a Deos nada he impossivel. [38] Então disse Maria: Eis-aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra. E o anjo se apartou d'ella.

Meditação

Da devoção aos santos

Primeiro ponto

Considera que, embora ninguém te ame nem possa amar-te tanto como Deus nem possas ter bem algum que não seja dádiva de só sua liberalidade, quer, não obstante, que lhe roguemos com instância e que ponhamos por intercessores seus amigos e favorecidos. Compraz-se nisso sua Majestade, e por meio de seus servos faz conosco mil demonstrações de seu amor, de que seríamos indignos sempre, se não no-las alcançasse a intercessão dos santos.

Não é isto dizer que necessite Deus de nossas orações nem das de seus servos para saber o que necessitamos. Tem-no tudo presente, e até ele mesmo é quem nos move para que lhe peçamos e até para que invoquemos com utilidade os santos. Ele mesmo manifesta aos santos nossos votos e quer que se interessem por nós. O mesmo mandou a Elifaz e a seus companheiros que recorressem à intercessão do santo Jó para alcançar o perdão de suas culpas. Abraão orou por Abimelec e alcançou-lhe que não morresse. Samuel intercedeu pelo povo do Senhor, perseguido pelos filisteus, e Deus o livrou deles. Jesus Cristo quis que o régulo lhe pedisse a saúde para seu

filho e o príncipe da sinagoga para sua filha. A rogo dos que conduziam o paralítico, deu-lhe a saúde de corpo e alma. E, se isto tem feito nosso Salvador por intercessão de uns homens de pouco mérito e cheios de defeitos e imperfeições, que não deves prometer-te da intercessão daqueles justos que reinam em sua companhia e que carecem de quanto pudesse debilitar a eficácia de seus rogos? Quando pedes ao Senhor o remédio de qualquer necessidade, talvez é tão débil tua fé e são tantas tuas imperfeições que não mereces ser ouvido; mas invocas o santo de tua devoção para que una seus rogos aos teus e os apresente ao Todo-Poderoso; desconfias de teus merecimentos, confessas-te indigno da mercê que solicitas e não te atreves a pedir por ti mesmo em teu favor; esta humildade, este abatimento é um novo mérito que apresenta ao Senhor teu advogado e faz mais fácil o despacho de tua súplica.

Os santos têm experimentado nesta vida todas as misérias e penalidades que tu padeces e aprenderam deste modo a compadecer-se de nós. Sua caridade não se resfriou para fazer-nos todo o bem que possam; e, embora estejam seguros de sua felicidade eterna, não se esqueceram de nossa situação miserável.

Amam-nos com caridade muito mais perfeita que quando viveram no mundo; e, embora, inundados naquela torrente de delícias, pareça que não deveriam lembrar-se de nós, alegram-se de nosso bem, interessam-se por nós e têm um júbilo indizível quando nos convertemos ao Senhor e nos valemos para isso de sua intercessão. Na verdade, somos nesta parte muito mais felizes que os primeiros cristãos; pois temos na glória uma multidão inumerável de intercessores e advogados nossos que, além de animar-nos com seu exemplo para toda sorte de virtudes em todos os estados e condições, rogam todos ao Senhor que nos livre de todo gênero de males.

Segundo ponto

Considera que não deves confiar em vão na devoção aos santos, lisonjeando-te de que sua intercessão te tirará a salvo de todos os perigos, se não procuras imitar suas virtudes no que seja conforme com tua profissão e estado.

Não consiste a devoção em pronunciar certas orações ou fórmulas que se dizem por costume todos os dias ao santo ou santos de tua devoção. Isto é uma coisa muito fácil e muito ordinária e é muito compatível com uma vida tíbia e de inação e até com uma vida licenciosa e dissoluta. Tais devoções, longe de ser frutuosas e agradáveis ao Senhor, provocam mais sua ira e afastam de ti suas misericórdias; porque as coisas santas, como o são as orações, devem fazer-se santamente; e não pode agradar aos santos o que desagrada ao Santo dos santos.

Um avaro, uma mulher mundana, um dissoluto farão um grande escrúpulo se omitem um só dia suas costumadas orações ao santo de sua devoção; mas não pensarão em abandonar suas usuras, seus trajes escandalosos, sua vida licenciosa e viverão muito confiados em que sua devoção os há de tirar do inferno. Com um coração que talvez não respira senão iras e projetos de vingança, ofereces orações a um santo que foi humildíssimo e sofrido? Com uns adornos que não respiram mais que fausto, ostentação e soberba, apresentas-te a uma santa que desprezou altamente todas essas vaidades e loucuras? Pode ser isto um ato de obséquio e veneração? Ou não é antes um

insulto e um desprezo? Se nesse mesmo traje pedisses por Deus uma esmola a um poderoso, compadecer-se-ia acaso de tua pobreza? Estranho desvario, querer que os santos tenham abertos os ouvidos para escutar nossas súplicas e pensar que tenham fechados os olhos para não ver a iniquidade de nosso coração!

Toma certas medidas para uma vida nova; examina as virtudes em que resplandeceu o santo a quem te encomendas cada dia e procura copiá-las em tua conduta: para isto podes estar seguro de que o santo te ajudará com sua intercessão e te alcançará aquelas graças de que mais necessites e de que terás nele um patrono que promova teus verdadeiros e únicos interesses. Não querem nem podem os santos patrocinar uma vida nada conforme à que eles fizeram no mundo. Conhecem agora o prêmio inefável que lhes mereceram as breves e passageiras tribulações desta vida; sabem que nada fizeram de mais para lográ-lo; que não há outro caminho para o céu que o que eles andaram; que não se enganaram em renunciar às riquezas e comodidades com que o mundo os brindava; e que em vão espera acompanhá-los em sua felicidade o que não os imita em suas penas e tribulações. E na verdade, se uma vida regalada e deliciosa pudesse proporcionar-nos a mesma glória de que hoje gozam os santos, longe de interceder por nós, deveriam envergonhar-se de não haver sabido achar este segredo e de haver vivido sempre oprimidos e desprezados no mundo. Mas não, não se enganaram os santos. O Evangelho tem sido um mesmo para eles e para mim. Não tem nem pode ter alteração sua doutrina apesar de toda a relaxação dos costumes. Se o Evangelho fosse hoje mais lasso em seus preceitos, deveria ser também menor o prêmio que oferece por observá-lo; mas, pois queremos uma mesma glória com os santos, razão será que guardemos uns mesmos documentos.

Dai-me, Deus meu, uma fortaleza de espírito que faça em mim a mudança que necessito para resolver-me a imitar as virtudes de vossos servos. Estou certo de que eles seguiram o verdadeiro caminho e de que eu devo imitá-los para não frustrar sua intercessão poderosa. Só vossa graça pode romper as cadeias que ainda me aprisionam e me impedem de praticar aquilo que conheço que me convém. Não permitais, Senhor, que por minha tibieza sejam meus fiscais em vossa presença aqueles justos que devem ser meus advogados e patronos.

Jaculatórias

> *Quod nostris meritis non valemus, sanctorum patrocinio assequamur.* Oração da Igreja.

Fazei, Senhor, que consigamos pela intercessão dos santos o que não podemos alcançar por nosso mérito.

> *Filii sanctorum sumus.* Tb 2.

Contemplemos que somos filhos dos santos.

Propósitos

1. Regularmente seguem os filhos as inclinações e até os empregos ou ofícios de seus pais; e, quando estes têm sido ilustres por seu mérito ou circunstâncias, apropria-se delas e preza-se delas o filho, embora a necessidade ou a fortuna o obrigue a seguir outra carreira. A virtude mesma não está isenta deste gênero de vaidade. Gabamo-nos de que nossa pátria tem dado ao céu heróis gloriosos em santidade e talvez nos jactamos de que o mesmo povoado em que nascemos foi o berço de algum santo. Mas de que nos pode servir esta inútil glória quando, à vista das grandes ações do santo, vivemos na inação e na moleza, sem ter ânimo para imitá-las? Mil vezes se ouve que a nobreza de sangue é antes uma mancha que um distintivo naqueles que a mancham com seus torpes e ruins procederes. E será menos vituperável o prezar-nos de descendentes ou compatriotas de um santo e fazer uma vida que nada tenha de santa? É acaso a santidade um título mundano que se herda com o sangue? Temos certa confiança de que o santo de nossa devoção, o que nasceu em nosso solo etc., será nosso especial advogado junto a Deus, e assim podemos crê-lo sem temeridade; mas quais são nossos méritos para lograr esta proteção especial?

2. Resolve, pois, desde hoje copiar em tua conduta aquela virtude mais particular em que resplandeceu o santo de tua maior devoção, quanto o permita teu estado ou condição. Sempre acharás muita diferença entre tua vida e a sua, contanto que te examines não pelas regras que te sugerirá teu amor-próprio, mas pelas do Evangelho e da consciência, que não podem enganar-te. Tua soberba, tua vaidade, teu amor aos prazeres, tua pouca mortificação, tua dureza com os pobres acharão-se em oposição visível com a conduta do santo a quem te encomendas. Procura, pois, humilhar-te, ser mais mortificado e mais exemplar em tuas ações, que assim te será muito útil a intercessão dos santos.

[^1]: O OCR traz “cap. 4”; a passagem é Lucas 1,26-38.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:08 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:09 by Admin